

Coelho, Schuchardt e Hesseling: Encontros e Desencontros entre Pioneiros dos Estudos Crioulos.

**Tânia Maria Alkmim
Universidade de Campinas**

Abstract

L'article en question fait un bref aperçu des rapports entretenus par Coelho, Schuchardt et Hesseling sur la question des pidgins et créoles. Ces auteurs, considérés comme les fondateurs des champs des études créoles et issus de la linguistique du XIX^{ème} siècle, présentent des ressemblances et des différences, qu'on peut déceler à partir de l'examen de quelques uns de leurs textes.

I-INTRODUÇÃO

É comum, na história da lingüística contemporânea, referir-se a Francisco Adolfo Coelho, filólogo português, como o fundador do campo dos estudos crioulos. Não que, antes dele, os crioulos e pidgins tenham ficado sem registro. Presentes em relatos de exploradores, viajantes, religiosos, etc., as notícias sobre essas variedades lingüísticas refletiam, fundamentalmente, uma visão preconceituosa e desqualificadora. É Coelho, entretanto, que, em 1878, em conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa, chama atenção “*para as formas dialectais particulares que algumas línguas européias e particularmente o francês, o espanhol e o português tinham tomado nas colônias e conquistas da África, Ásia e América*” e observa que “*Esses dialectos têm até hoje atraído muito pouco a atenção dos lingüistas, não existindo nenhum trabalho geral sobre eles.*” (Coelho (1880). p.3).

Em 1880, Coelho publica a primeira parte de seu trabalho que leva o pretensioso título “**Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América**”. É então que, da periferia da “cena lingüística, as línguas crioulas se transformam em objeto digno de estudo, como fica claro no próprio dizer de Coelho(1880): “*Era nosso desejo reunir materiais para um trabalho especial sobre os dialectos portugueses, e um trabalho geral comparativo em que tentássemos determinar as leis de formação que se pode por assim dizer estudar **no vivo** por que um semelhante estudo não poderia deixar de nos ministrar dados importantes sob o ponto de vista glotológico, etnológico e psicológico.*” Consciente de seu pioneirismo, Coelho(1880), referindo-se à literatura lingüística da época, assinala que “*em vão se busca uma notícia desses tão interessantes produtos; as opiniões expressas por alguns lingüistas sobre o caráter desses dialectos são, como veremos, indecisas ou errôneas, ou não apontam os lados por que esses dialectos são mais importantes para o observador.*” (p.4)

É a partir da iniciativa de Coelho(1880) que o importante filólogo e romanista alemão Hugo Schuchardt entra em contato com o fenômeno “línguas crioulas”. Se, por seu lado, Coelho participava junto com outros intelectuais e cientistas portugueses de projetos voltados para a realidade das colônias portuguesas na recém-fundada Sociedade de Geografia de Lisboa¹, Schuchardt reconhece no material lingüístico dos crioulos uma munção excelente para suas discussões com os neogramáticos². De fato, pidgins e crioulos forneceram a Schuchardt base de argumentação contra o princípio da regularidade das leis fonéticas e a favor da possibilidade da mistura de gramáticas. Mas, a partir de seu primeiro trabalho relativo a crioulos - uma resenha de Coelho(1880), feita em 1881³, -Schuchardt inicia uma atuação contínua e especializada: são mais de quarenta títulos voltados para o campo dos estudos crioulos⁴, em que os crioulos portugueses ocupam uma parte importantíssima. Saudado por Coelho(1882) como um aliado de peso, Schuchardt torna-se, efetivamente, a grande referência da época para a questão das línguas crioulas.

Um trabalho de Schuchardt de 1890 sobre o malaio-português da Indonésia⁵ despertou o interesse de um outro estudioso⁶: dessa vez, de D.C. Hesseling, filólogo holandês, especialista em estudos clássicos. Segundo Muysken e Meijer(1977), Hesseling, voltado para a questão da formação da koiné grega, perguntava-se se esta era um desenvolvimento direto do dialeto ático ou era resultado de mistura dialetal. Tocado pela questão da mescla lingüística, Hesseling deslocou seu interesse para o africâner, variedade de holandês da África do Sul. Em 1897, Hesseling marca sua entrada com um artigo em que levanta a hipótese de que o africâner seria o resultado de um processo de crioulição, produzido pelo contato entre o holandês e o pidgin malaio-português falado por escravos trazidos para a região do Cabo, entre 1658 e 1685. A partir daí, Hesseling produz uma série de trabalhos sobre crioulos⁷.

Formados dentro do mesmo contexto da lingüística do século XIX, Coelho, Schuchardt e Hesseling representam, no entanto, posições originais e particulares que os aproximam e os distanciam. Contemporâneos e portanto familiarizados com a mesma literatura especializada, esses estudiosos, ao se tornarem ativos no mesmo e novo campo da reflexão lingüística, tornaram-se também leitores naturais e atentos dos trabalhos que cada um deles produzia.

Se de um lado, Coelho se destacou como aquele que atribuiu aos crioulos um estatuto de objeto científico, por outro lado, é o que menos produziu sobre o assunto. Sua obra de crioulista se restringe basicamente às três

publicações de 1880, 1882 e de 1886, que exibem muito mais um caráter de compilação de fontes disponíveis sobre o tema do que o de um exercício de reflexão sistemática sobre a questão das línguas crioulas. Em outras palavras, Coelho, essencialmente, formula, em algumas páginas, sua hipótese sobre a origem e natureza dos crioulos (apenas no texto de 1880), apresenta dados relativos a diversos crioulos obtidos em fontes diversas e analisa, de maneira bem genérica, crioulos portugueses (nos textos de 1880, 1882 e 1886). Mas são as referências bibliográficas, às vezes comentadas, que ocupam o maior espaço.

Schuchardt trabalhou ao longo de trinta e três anos sobre o tema das línguas crioulas. Estudiosos de sua obra apontam o caráter fragmentário da sua produção, mudanças de posição sem apresentação de justificativas e observações discutíveis e nem sempre confiáveis⁸. Mas é inegável que Schuchardt, entre 1881 e 1920, dedicou-se profundamente aos estudos crioulos, aliando seu talento de teórico às descrições de crioulos do português, do francês, do inglês, do espanhol e do holandês.

Hesseling, com alguns períodos de pausa, manteve-se ligado à questão das línguas crioulas, tendo publicado a respeito cerca de onze títulos, entre 1897 e 1934.

Muito pode ser dito sobre a obra dos pioneiros dos estudos crioulos. Gostaríamos, aqui, de fazer uma breve apreciação sobre a relação acadêmica que Coelho, Schuchardt e Hesseling estabeleceram entre si. Para tanto, analisaremos a interlocução que esses estudiosos mantiveram através de suas publicações e também focalizaremos alguns pontos de convergência e de divergência entre eles⁹.

II - ENCONTROS E DESENCONTROS: RELAÇÃO COM DADOS E VISÃO DO FENÔMENO

Distintos pontos de partida podem ser assumidos para focalizar convergências e divergências entre esses pioneiros. Apontaremos, aqui, apenas dois aspectos que nos parecem significativos.

O primeiro aspecto diz respeito à relação que Coelho, Schuchardt e Hesseling estabeleceram com os dados lingüísticos: nenhum deles coletou diretamente o material sobre o qual basearam suas reflexões. Marcados pela tradição filológica, esses estudiosos trabalharam seja com fontes escritas de naturezas diversas (históricas, literárias, lingüísticas, etc.), seja com

dados coletados ou reunidos por outros. Coelho(1880), por exemplo, ao analisar o crioulo português de Cabo Verde, se baseia em três cartas “*escritas por pessoas instruídas que falam bem o português. Mas que conhecem bem o crioulo rachado*”, e também em uma “*série de adivinhações que o nosso amigo Sr. Sá Nogueira nos ministrou*”(p.5).

Schuchardt trabalha essencialmente com fontes escritas. Um bom exemplo é o seu famoso texto sobre o crioulo inglês do Suriname¹⁰ em que ele recorre a relatos de viagem, artigos de natureza lingüística, dicionários, gramáticas, textos literários, traduções da Bíblia e correspondências com outros estudiosos.

Hesseling não se comportou diferentemente. É assim que vemos, por exemplo, que, em seu trabalho sobre o africâner, de 1897, ele se vale de estudos lingüísticos, fontes históricas e etnográficas, além de textos literários em prosa e verso.

Presos ao testemunho do escrito, os estudiosos de crioulo, no entanto, comportam-se diferentemente diante da realidade daí decorrente. Enquanto Schuchardt e Hesseling mostravam-se bem cuidadosos em relação às fontes utilizadas, sobretudo no tocante à qualidade dos dados lingüísticos, Coelho manifesta um atitude nada seletiva. Vemos, por exemplo, que Coelho(1886), ao tratar do indo-português de Singapura, observa que “*As frases e outras indicações que reuni foram por ele ditadas de memória, e não posso, salvo com relação a algumas frases, a um curto canto de cinco versos (nº 72) e dois provérbios (nºs 73 e 74), asseverar a perfeita autenticidade desses documentos.*”(p.175).

O segundo aspecto tem a ver com o fato de que Coelho, Schuchardt e Hesseling reconheceram semelhanças estruturais entre fenômenos lingüísticos tradicionalmente vistos como tendo naturezas diversas. Mais precisamente, os referidos estudiosos reuniram dentro do mesmo campo de reflexão: variedades lingüísticas regionais de uma mesma língua, “fala de estrangeiro” (foreigner talk), pidgins e crioulos. Coelho(1880) já sinaliza, por exemplo, a partir do título do trabalho - “**Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América**” - que pretende discutir globalmente todas as “formas alteradas” de línguas européias, produzidas no contexto da expansão colonial. É assim também que ele utiliza a terminologia genérica “dialectos românicos ou neo-latinos” para se referir não só a crioulos propriamente ditos (p.ex. crioulo português de Cabo Verde, crioulo francês da Martinica), pidgins (p.ex. Língua Franca), variedades geográficas (p.ex., português do Brasil, espanhol do Peru). Schuchardt, centralmente interessado pela questão da mescla lingüística, dedicou-se ao estudo de fenômenos

rotulados por ele como “línguas de urgência” ou “de necessidade”, que ainda incluía “fala de estrangeiro” (foreigner talk) pidgins e crioulos¹¹, mas também discutiu questões envolvidas no uso de uma língua por falantes não nativos, como, por exemplo, nos casos dos trabalhos sobre o domínio escrito do inglês por índios norte-americanos¹² e sobre a presença do inglês na Índia¹³. Hesseling destacou-se pelo estudo do africâner, que é uma variedade geográfica do holandês¹⁴, interessou-se pelas questões colocadas a partir do deslocamento do francês para o Canadá¹⁵, e da utilização do holandês no antigo Ceilão (atual Sri Lanka) do século XVII¹⁶, além dos trabalhos sobre crioulos do espanhol e do holandês.

III - A INTERLOCUÇÃO ATRAVÉS DE TEXTOS

Coelho, Schuchardt e Hesseling, em função do interesse que os uniu e os singularizou no panorama da época, acabaram constituindo-se interlocutores privilegiados uns dos outros. Em termos concretos, o trabalho de um representava uma leitura necessária para outros. E é seguindo a rota de referências e citações contidas em alguns de seus trabalhos que podemos identificar a natureza da relação acadêmica que os pioneiros dos estudos crioulos estabeleceram entre si. Linguístas contemporâneos têm-se dedicado à pesquisa da obra desses estudiosos¹⁷, buscando destacar, entre outros aspectos, o impacto da reflexão de cada um deles sobre o trabalho dos outros. Pretendemos, aqui, partindo das alusões diretas feitas em trabalhos publicados, apontar como cada um dos pioneiros se relacionou com a produção dos demais.

Coelho(1882) saúda Schuchardt pela resenha de 1881, feita sobre seu texto de 1880 e, em um gesto de humildade pública extrema, informa que se preparava “*para tratar de modo tão completo quanto possível o assunto, quando o douto e perspicaz professor de línguas românicas na universidade de Graz, sr. Hugo Schuchardt, nos manifestou a intenção de se ocupar dos dialectos crioulos, assunto que folgamos ver em tão boas mãos: em virtude disso resolvemos limitarmo-nos a publicar, em forma de simples notas, os materiais colhidos (...) aguardando a publicação da obra do ilustre glotólogo alemão ...*”(p.109). É verdade que ele acrescenta “*não estar inteiramente de acordo com o sr. Hugo Schuchardt*”(p.109), embora não revele os pontos de discordância. No terceiro e último trabalho, Coelho(1886) inunda seu texto de referências a Schuchardt. Encontramos aí cerca de onze citações do linguísta alemão. Não seria excessivo inferir que Coelho tem uma enorme

admiração por Schuchardt e se sente orgulhoso do contato que se estabeleceu entre eles. Seguramente, em função disso, Coelho(1886), logo no início do texto, ao referir-se à nova resenha de Schuchardt(1883)¹⁸ ainda sobre o trabalho de 1880, considera “*valiosas as adições e correções*” (p.183) feitas aí. Mais uma vez, Coelho(1886) não se preocupa em identificar pontos de conflito. Na mesma linha do raciocínio anterior, somos tentados a interpretar a presença, nos textos de Coelho, de expressões do tipo “*douto e perspicaz professor*”(1882, p.109), “*o meu amigo H. Schuchardt*” (1886, pp. 161 e 174), “*As minhas investigações e as de H. Schuchardt*” (1886, p.174) como uma preocupação em explicitar a existência de uma relação próxima e efetiva com a figura renomada de Schuchardt. Como decidiu afastar-se da questão das línguas crioulas com o texto de 1886, Coelho nunca chegou a manifestar-se sobre Hesseling, que só aparece em 1897.

Frente à atitude francamente entusiasta de Coelho, Schuchardt se mostra reservado e só faz poucas referências de natureza acadêmica a Coelho. É fato que Schuchardt e Coelho se corresponderam por alguns anos¹⁹. Mas, se de um lado Schuchardt dedicou duas resenhas a Coelho, por outro lado, foi bem parcimonioso no que se refere ao reconhecimento da contribuição deste à questão das línguas crioulas. Um bom exemplo disso pode ser encontrado em Schuchardt(1888), em que Coelho é citado duas vezes. Em ambos os casos, Coelho aparece simplesmente como tendo sido o primeiro a dar notícias sobre os crioulos portugueses de Cabo Verde e São Tomé. Mas parece não ser casual o fato de Schuchardt(1888) não só qualificar de cuidadoso e extensivo o trabalho de dois caboverdeanos²⁰ sobre o crioulo de Cabo Verde como informar ter utilizado o referido texto como base de seu texto de 1887²¹. Considere-se, a propósito, que foi exatamente sobre o crioulo de Cabo Verde que Coelho mais trabalhou.

A referência mais explícita a Coelho aparece no famoso texto de Schuchardt(1909) sobre a Língua Franca - e esta não poderia ser interpretada como elogiosa. Vemos aí que Schuchardt(1909) indica um ponto sobre o qual está de acordo com Coelho (o fato de que os falantes “mutilam” suas próprias línguas nativas em benefício de aprendizes estrangeiros) e, em seguida, chama atenção para o que considera uma inconsistência do lingüista português.(o fato de Coelho sustentar também que os aprendizes estrangeiros simplificam a língua em processo de aquisição, ao selecionarem as formas mais freqüentes e gerais). Mais que isso, Schuchardt(1909) reclama uma palavra final sobre a posição ambígua de Coelho. Indo ainda mais longe, ele observa que Coelho publicou apenas um dos oito trabalhos que prometera²².

Entre Schuchardt e Hesselning transparece uma relação acadêmica muito mais orgânica. Vemos, por exemplo, que Schuchardt(1914a), em seu texto sobre o crioulo inglês no Suriname, utiliza dados publicados por Hesselning(1905)²³ e até mesmo agradece pela ajuda deste em relação a citações de autores holandeses. É certo que Schuchardt(1914b) aponta falhas em Hesselning(1905)²⁴, como, por exemplo, o fato de o lingüista holandês não ter sido suficientemente crítico em relação a uma fonte ou ainda por não ter consultado três outras fontes, duas delas julgadas indispensáveis. Mas Schuchardt(1914b) elogia abertamente Hesselning(1905)²⁵ como estudioso competente, crítico e criativo em relação ao tratamento de fontes. Schuchardt(1914a) também manifesta claramente sua adesão a uma postulação de Hesselning(1905)²⁶ em relação à questão do papel das línguas africanas na fonologia de crioulos²⁷.

A trajetória de Hesselning esteve sempre próxima à de Schuchardt, cujos trabalhos foram fundamentais para o conjunto da produção acadêmica daquele. É interessante ver, por exemplo, que, em seu texto sobre o papiamentu de Curaçao e o negro-holandês das Ilhas Virgens, Hesselning(1933a) não só percorre as mesmas fontes utilizadas por Schuchardt(1914a) como endossa as análises feitas por este. Quanto a Coelho, principalmente pelo efeito deste em Schuchardt, Hesselning não podia ignorar o lingüista português. E isso fica bem claro quando Hesselning publica um artigo em 1933 - **“How did creoles originate?”** - em que, pela primeira vez, as posições dos pioneiros são confrontadas de um ponto de vista global. Em outras palavras, Hesselning(1933b) parte da questão central da origem e formação dos crioulos e identifica aqui a posição de cada um deles. Não caberia apresentar a totalidade do debate contido no referido texto. Mas vale apontar que Hesselning(1933b) se opõe frontalmente a Schuchardt e se aproxima de modo significativo da posição manifestada por Coelho(1880). Vemos assim que Hesselning reproduz um pequeno trecho de Coelho(1880)²⁸ e dirige toda a sua contra-argumentação à posição central defendida por Schuchardt, em vários trabalhos, de que os falantes nativos simplificam a própria língua na situação de contato com estrangeiros e estão, portanto, na origem da formação dos crioulos. De maneira não muito explícita, Hesselning(1933b) se identifica com Coelho em pontos fundamentais:

- crianças e adultos não letrados aprendem uma língua estrangeira de modo “intuitivo”;
- os crioulos africanos representam uma aquisição imperfeita das línguas européias.

Mesmo manifestando sua forte oposição a Schuchardt, já falecido na época da publicação do seu artigo, Hesselting(1933b) não deixa de se preocupar em justificar tal atitude. É assim que ele se refere a Schuchardt como "*a man with whom one cannot disagree without feeling insecure*"(p.64). Mas, adequadamente, ele observa que silenciar, quando se tem uma posição discordante, põe em risco a independência intelectual.

IV - FINALMENTE

Schuchardt pode, efetivamente, ser considerado como a figura central dos pioneiros dos estudos crioulos. Mesmo para os dias de hoje, suas reflexões são uma referência indispensável. Coelho e Hesselting renderam suas melhores homenagens a Schuchardt como reconhecimento de sua autoridade. Hesselting mereceu um tratamento diferenciado por parte do lingüista alemão. Coelho recebeu sempre alusões discretas de seus colegas crioulistas. Mas não podemos negar-lhe um lugar particular no campo dos estudos crioulos. Por pouco perseverante que tenha sido no papel de teórico e analista, a atitude inovadora de Coelho para a lingüística da época é incontestável. No texto final de 1886, Coelho dá um bom testemunho disso:

"Não são tantas as palavras amáveis dos mencionados filólogos que me compensam do meu trabalho, como ver que contribuí para promover o estudo de um assunto interessante pelo primeiro lance dos olhos geral sobre o domínio crioulo. Como disse acima, até entre nós se fala já de dialectos crioulos e, conquanto por via de regra não se mencione o meu nome, servem-se do que eu já fiz, aproveitam os meus extratos sem dizer nada, reproduzem a terminologia que adotei, significando assim que os frutos da minha investigação se tornaram bem comum." (1886; p.233).

NOTAS

¹Cf. MORAIS, BARBOSA, 1967, Introdução.

²A esse respeito, consultar, por exemplo, VENNEMAN, T. E WILBUR, T.H. (1972).

³Publicada na revista: SCHUCHARDT, H.(1881). *Zeitschrift für romanische Philologie*. 5,pp.580-1.

- ⁴Cf. bibliografia completa de Schuchardt sobre crioulos e pidgins in GILBERT,G.G.(1980).
- ⁵SCHUCHARDT,H (1890) Kreolisch Studien IX. "Über das Malaioportugiesisch von Batavia und Tugu". Sitzungsbericht der Kaiserlichen Academic der Wissenschaften zur Wien 122(9).pp.1-256.
- ⁶MUYSKEN,P. e MEIJER,G.(1979) levantam essa hipótese.
- ⁷Cf. bibliografia de Hesseling em MARKEY,T.L. e ROBERGE,P.T.(1979).
- ⁸A esse respeito, ver as Introduções de GILBERT,G.G. e de BICKERTON,D. em GILBERT,G.G.(1980) e em MARKEY,T.L.(1979) , respectivamente.
- ⁹Com relação à produção de Schuchardt e Hesseling, servimo-nos apenas de textos publicados em inglês.
- ¹⁰SCHUCHARDT(1914a).
- ¹¹Cf. Schuchardt(1909).
- ¹²Cf. Schuchardt(1889).
- ¹³Cf. Schuchardt(1891).
- ¹⁴Cf. Hesseling(1897) e (1899).
- ¹⁵ Cf. Hesseling(1923).
- ¹⁶Cf. Hessiling (1910).
- ¹⁷V.,p. ex., MUYSKEN,P. e MEIJER,G. (1978) e 1977).
- ¹⁸Publicada na revista: SCHUCHARDT,H. (1883). **Literaturblatt für germanische und romanische Philologie**.4,pp.279-82.
- ¹⁹Cf. GILBERT,G.G(1980)."Introduction".
- ²⁰COSTA,J.V. Botelho da e DUARTE,C.J.(1886)."O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde."Oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt in MORAIS-BARBOSA,J. (1967).
- ²¹Resenha publicada na revista: SCHUCHARDT,H.(1887). **Literaturblatt für germanische und romanische Philologie**.8,pp.132-141.
- ²²COELHO,F.A.(1901). **Estudos sobre a influência étnica na transformação das línguas**. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- ²³HESELING,D.C.(1905)."Het Negerhollands der Deense Antillen". **De Gids**.69,I,pp.283-306.
- ²⁴Cf. Nota 22.

²⁵Cf. Nota 22.

²⁶Cf. Nota 22.

²⁷Schuchardt(1914a), à p.119, afirma:"Hesseling(1905) is surely right when he attributes to the influence of African languages the tendency of the Negro creole to let words end in a vowel, especially to add a vowel to a final consonant."

²⁸Hesseling(1933b) reproduz o trecho de Coelho(1880), localizado à p.104 de MORAIS-BARBOSA,J.(1967).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICKERTON, D.(1979). "Introduction" *in* MARKEY, T.L. (ed.)

COELHO,F.A. (1880). "Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América"; (1882). "Notas Complementares": (1886). "Novas notas suplementares". Reeditados em MORAES-BARBOSA, J. (1967)(ed).

DeCamp,D.(1971) "Introduction" *in* HYMES,D. (ed.) **Pidginization and creolization of languages**. London, Cambridge University Press.

GILBERT, G.G.(1980)(ed). **Pidgin and creole languages. Selected essays by Hugo Schuchardt**. London, Cambridge University Press.

HESSELING, D.C. (1897). "Dutch in South Africa"*in* MARKEY, T.L. e ROBERGE, P.T. (1979) (eds.).

_____,(1910) "Remnants of Dutch in Ceylon" *in* MARKEY, T.L. e ROBERGE, P.T. (1979) (eds.).

_____,(1923) "French in North America and Dutch in South Africa" *in* MARKEY, T.L. e ROBERGE, P.T. (1979) (eds.).

_____,(1933a) "Papiamentu and Negerholland" *in* MARKEY, T.L. e ROBERGE, P.T. (1979) (eds.).

_____,(1933b) "How did creoles originate?" *in* MARKEY, T.L. e ROBERGE, P.T. (1979) (eds.).

MARKEY, T.L. e ROBERGE, P.T. (1979) (eds.) **On the origin and formation of creoles: a miscellany of articles by Dirk Christiaan Hesseling**. Ann Arbor, Karoma Publs. Inc.

MARKEY, T.L. (1979) (ed.). **Hugo Schuchardt. The ethnography of variation**. Ann Arbor, Karoma Publs. Inc.

MORAIS-BARBOSA, J. (1976) (ed.) "Introdução" *in* Estudos Lingüísticos Crioulos. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa, Academia Internacional de Cultura Portuguesa.

MUYSKEN, P. e MEYJER, G (1977) "On the beginning of pidgin and creole studies" *in* VALDMAN, A. (ed.). **Pidgin and creole linguistics**. Bloomington, Indiana University Press.

_____,(1978) "Introduction" *in* MARKEY, T.L. e ROBERGE, P.T. (1979) (eds.).

SCHUCHARDT, H.(1888). "On creole Portuguese" *in* MARKEY, T.L. (1979) (ed.)

_____,(1889) "Notes on the English of American Indians: Cheyenne, Kiowa, Pawnee, Pueblo, Sioux and Wyandot" *in* GILBERT, G.G. (1980) (ed.).

_____,(1891) "Indo-English" *in* GILBERT, G.G. (1980) (ed.).

_____,(1909) "The Lingua Franca" *in* GILBERT, G.G. (1980) (ed.)

_____,(1914a) "The language of Saramacca Negroes in Surinam" *in* GILBERT, G.G. (1980) (ed.).

_____,(1914b) "On Virgin Islands creole Dutch" *in* MARKEY, T.L. (1979) (ed.).

SOMMERFELT, A. (1928). "Hugo Schuchardt" *in* **Diachronic and synchronic aspects of language. Selected articles**. Mouton and Co-'S-Gravenhage. (1971).

VENNEMAN, T. e WILBUR, T.H. (1972) (eds.) **Schuchardt, the neogrammarians, and the transformational theory of phonological change**. Frankfurt, Athenaum.

WILBUR, T.H. (1972). "Schuchardt and the neogrammarians" *in* VENNEMAN, T. e WILBUR, T.H. (eds.).